

Análise da Qualidade das Informações Científicas e Ambientais Sobre Problemas Ambientais no Portal do Jornal Online Correio da Bahia (Salvador/BA)

MOURA, Maria Clara Guimarães da Costa¹
RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto²

Resumo

Apresenta-se aqui os resultados da pesquisa que visa a qualidade das coberturas jornalísticas sobre problemas ambientais no jornal online “Correio da Bahia” (Salvador/BA). Pelas inúmeras catástrofes que veem pairando sobre o planeta, a humanidade, começou a pensar mais na questão ambiental e em como diminuir seus impactos formando, assim, um pensamento sustentável. A pesquisa, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokanó), teve como propósito buscar notícias sobre os problemas ambientais em parte da Região Nordeste e analisar como são apresentadas ao seu público. Ao final, podemos analisar como o jornalismo ambiental está presente na vida dos brasileiros e se, estas informações são de entendimento dos leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Correio da Bahia; Jornalismo; Matérias; Pesquisa; Sustentabilidade.

Introdução

O trabalho teve como objetivo principal, analisar as qualidades das coberturas jornalísticas sobre problemas ambientais do jornal online Correio da Bahia (Salvador/BA). Utilizando como base textos teóricos, podemos contribuir com a qualificação dos veículos de comunicação de forma a investigar como as informações chegam a população. O assunto acaba por se tornar relevante, pois os problemas ambientais estão cada vez mais presentes nos altos índices de poluição, desmatamento, enchentes e extinção da fauna e da flora.

A pesquisa dá amplitude ao projeto de pesquisa, aprovado no Edital 043/2013 do CNPq, finalizado em 2015, e ao projeto de pesquisa “Comunicação, Ciência e Meio Ambiente: análise da cobertura jornalística de problemas ambientais nas regiões Sudeste e Sul”, aprovado no Edital Jovens Doutores N° 041/2016 PROPESP/UFAM. Ampliando os projetos de pesquisa citados, o Grupo de Pesquisa Comunicação Cultural e Amazônia (Trokanó), por meio do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo na e sobre a Amazônia (LABJAM), pode-se, assim, fazer estudos comparativos com outras regiões, já estudadas, quanto apresentar um diagnóstico nacional sobre o tema e como ocorre a troca de informações jornalista x público.

¹ Estudante de Graduação 8º Período do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da FIC-UFAM. E-mail: mariacguima@gmail.com

² Orientador da Pesquisa. Professor do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da FIC-UFAM. E-mail: allan30@gmail.com

O jornalismo, com seu papel de informar, tem a necessidade de apresentar notícias para que a sociedade tome decisões sobre o melhor modelo para sua sociedade. O discurso jornalístico pode contribuir para a compreensão dos impactos da degradação ambiental. A constatação de que o planeta sofre todos os dias com os problemas ambientais pode impactar no futuro das gerações e talvez, a extinção da humanidade pode não estar tão distante.

A continuidade de um modelo econômico que visa o bem estar próprio sem pensar nas consequências futuras pode causar danos ainda maiores. É importante trazer cada vez mais informações e que sejam, principalmente, acessíveis a sociedade. O jornalismo pode trazer informação e gerar curiosidade para a busca das informações que ajudem não só a humanidade, mas também o meio em que vivem.

Fundamentação Teórica

Foram utilizados, como método de pesquisa, estudos qualitativos e quantitativos nas coberturas jornalísticas. Seus princípios norteadores tem os gêneros científico e ambiental como elementos específicos. Para garantir uma melhor qualidade da informação, o jornalismo incorporou uma série de valores sociais e morais que visavam repassar ao seu público uma notícia de boa qualidade e conseguir o que Hymes (1980) chama de comunidade interpretativa. Adotando a proposta de dois pesquisadores, Kovach e Rosenstiel (2003), que após 300 entrevistas com jornalistas, organizaram uma lista com nove princípios capazes de permitir ao jornalismo alcançar sua finalidade.

A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade: o primeiro compromisso do jornalismo deve ser com a verdade (PENA, 2005). Torna-se necessário esclarecer que trabalhamos com o conceito de Kovack e Rosenstiel (2003) no qual a verdade jornalística é diferente da verdade filosófica, pois a primeira é construída paulatinamente, matéria a matéria, visando o entendimento do fato no todo. A verdade almejada pelo jornalismo é, portanto, um processo contínuo na busca pela construção da realidade.

Sua primeira lealdade é com os cidadãos: esse princípio nos leva a uma pergunta inicial: para quem trabalham os jornalistas? Uma resposta calcada no modo capitalista de produção indica que são empregados do capital, ou seja, das empresas

privadas que enxergam a produção e circulação de informações como negócio rentável. Chamamos de independência jornalística o fato de o jornalismo ser financiado pelo setor privado, mas servir aos interesses públicos (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003).

Sua essência é a disciplina da verificação: Aproximar-se da verdade é servir ao interesse público e para isso faz-se necessária uma disciplina de verificação das informações publicadas. Para Kovach e Rosenstiel (2003), essa disciplina da verificação separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte. “Os repórteres devem ser obstinados em sua missão, além de disciplinados na luta para ir além de sua própria perspectiva dos fatos” (p.142).

Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem: para Chaparro (2001), a organização e a capacitação discursiva das fontes são a mais importante modificação ocorrida nos processos jornalísticos nos últimos quarenta anos. Kovach e Rosenstiel (2003) advertem que proibições rigorosas não garantirão que um jornalista permaneça livre de engajamentos pessoais ou intelectuais.

O jornalismo deve ser o monitor independente do poder: o princípio de guardião do interesse público do jornalismo se aplica tanto às ações do governo quanto aquelas das demais instituições poderosas da sociedade (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). Cabe aos jornalistas romperem com a concepção de bipolarização (jornalismo versus governos) dos conflitos do poder, pois há sempre um terceiro polo que precisa ser levado em consideração e ganhar identidade: o povo.

O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso com o público: segundo Kovach e Rosenstiel (2003), convém evitar abordar os lados extremos de um assunto, pois exclui a maioria dos cidadãos e dificilmente são conciliatórios. Quando este princípio não é observado o espaço para o fórum de discussões passa a ser ocupado pelo espetáculo e até mesmo pela ficção. Pena (2005) aponta, nesses casos, uma substituição das discussões de causas públicas e valores éticos por outro em que as representações da realidade interagem com o espetáculo, a simulação e a imagem virtual.

O jornalismo deve empenha-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante: esse princípio refere-se a dois aspectos do trabalho jornalístico: a escolha das notícias (o que é significativo) e a produção do texto (tornar as histórias interessantes). Em relação ao primeiro aspecto, Pena (2005) considera que revelar o modo como as notícias são produzidas é mais do que a chave para

compreender seu significado, é contribuir para o aperfeiçoamento democrático da sociedade.

O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional: sua verdade se baseia numa cobertura que não deixe assuntos importantes de fora e, ao mesmo tempo, seja proporcional. O jornalismo informa os cidadãos como viver em sociedade.

Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência: o último, preconiza que todos os jornalistas devem ter um sentido pessoal de ética e responsabilidade, uma bússola moral (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). O profissional da notícia deve perceber que tem uma responsabilidade de dar voz, bem alta, a sua consciência e permitir que outros ao seu redor façam a mesma coisa. A sociedade espera do jornalismo o relato verídico dos acontecimentos e a explicação isenta dos fatos e contextos.

É o jornalismo que pode ajudar na qualificação do nível de informação social. O jornalismo científico é quem atua com a promoção da ciência e tecnologia por meio da comunicação de massa, seguindo critérios e sistemas de produção. É por isso que o papel do jornalista é apresentar conceitos e contextos que cabem dentro do jornalismo científico. “Nesse sentido, a mídia tem um papel fundamental: o de manter as pessoas informadas sobre as novas conquistas científicas para que possam se posicionar diante delas” (IVANISSEVICH, 2005, p.25). Bueno (1984) considera que o jornalismo científico cumpre seis funções básicas, a saber:

Função informativa: permite ao cidadão comum, entender e estar a parte das novas descobertas científicas, além de suas implicações políticas, econômicas e sociais.

Função educativa: o jornalismo científico, as vezes, pode ser a única fonte de informação sobre a ciência e as novas tecnologias.

Função social: manifesta-se pela preocupação em situar a informação científica e tecnológica num contexto mais amplo. Se alinhando aos interesses com os objetivos da produção e da divulgação científica;

Função cultural: o jornalismo científico deve trabalhar em prol da preservação e valorização da cultura nacional e repelir qualquer tentativa de agressão aos nossos valores culturais;

Função econômica: cabe ao jornalismo científico exercer o papel de contribuir para aumentar o intercâmbio entre os institutos, universidades e centros de pesquisa nacionais e o setor produtivo;

Função político-ideológica: já que, muitas vezes, o jornalismo científico é financiado pelas grandes empresas multinacionais que através dele informam a opinião pública de suas realizações no campo científico e tecnológico, ele deve evitar funcionar apenas como mero reproduzidor destes interesses e apenas legitimá-los junto à sociedade.

Bueno (2007), chama a atenção para o fato de que o jornalismo ambiental está em fase de construção de um conceito para além dos limites do jornalismo científico tradicional, do econômico e do cultural. O autor considera que o jornalismo científico tradicional muitas vezes está comprometido com uma parcela significativa da comunidade científica, preocupada apenas com a continuidade de suas pesquisas, ou seja, a sociedade acaba, muitas vezes, ficando de fora das novas descobertas científicas. De acordo com este autor,

Jornalismo Ambiental, que é jornalismo em primeiro lugar, caracteriza-se por produtos (veículos, de maneira geral) que decorrem do trabalho realizado por profissionais que militam na imprensa, ele está definido tanto pelas matérias/colunas/editoriais/cadernos/ sobre meio ambiente publicados na mídia de massa (imprensa de informação geral ou especializada) como nos veículos ou espaços (de produção jornalística) exclusivamente destinados ao meio ambiente (BUENO, 2007, p.31).

Esse jornalismo ambiental que tem, como função social estar política, social e culturalmente envolvido com o desenvolvimento sustentável e melhor qualidade de vida populacional. Analisando a cobertura que entendemos como as notícias são produzidas.

Diversidade de fontes: as reportagens sobre problemas ambientais precisam ter, além de seu espaço dentre os veículos de comunicação (autoridades, pesquisadores, empresários e políticos, mas com aqueles que ainda não tem o poder da mídia ao seu lado (entidades de classe, líderes comunitários, integrantes de comunidades afetadas pelos problemas ambientais, etc.). As fontes devem vir como contribuição entre o homem e o meio ambiente. “O jornalismo ambiental deve potencializar o diálogo entre o catedrático e o pescador, entre o agrônomo e o trabalhador rural, o mateiro e o biólogo e não deve estigmatizar a sabedoria dos pajés” (BUENO, 2007, p.14).

Independência em relação às fontes: não se deve escolher os assuntos que irão cobrir por conta de fontes que sempre são consultadas. Tautz (2004), afirma que a independência do jornalismo ambiental em relação às suas fontes permite a ele discutir livremente os rumos de um desenvolvimento que leve em conta as variáveis ambientais. Para o autor, essa postura recupera valores éticos, humanos e sociais do jornalismo estritamente comercial dos conglomerados de informação. “Algo que difira radicalmente do tipo hegemônico de jornalismo que se pratica neste país, em que a agenda de interesses privados se sobrepõe às demandas sociais” (TAUTZ, 2004, p.150).

Abrir o espaço para o debate: quando se privilegia fontes do âmbito acadêmico, do universo político (as autoridades) e da comunidade empresarial o jornalista ambiental incorre em uma atitude elitista, autoritária e não democrática ao retirar o espaço das falas e experiências dos cidadãos comuns (BUENO, 2007). Ao contrário, diz o autor, a reportagem deve contemplar as controvérsias, o debate, o embate de ideias e opiniões, a fim de fugir do formato apenas de denúncia marcado pela fragilidade que não agrega valor à cobertura ambiental.

Evitar o sensacionalismo: Fonseca (2004) explica que o comportamento sensacionalista da imprensa ocorre devido ao fato desta nem sempre se pautar pelo incentivo ao debate público. A imprensa prefere destacar as catástrofes de forma dura e que cause espanto a seus leitores esperando aumentar sua audiência com notícias que ainda não estão prontas ou que passem algo mais raso e distorcido. As maiores críticas feitas às coberturas da questão ambiental, e com razões, estão relacionadas a forma como a grande imprensa e os sistemas monopolísticos de comunicação do Brasil têm se utilizado do meio ambiente “com forma de aumentar a audiência, restringindo-se aos acidentes ambientais que integram o circuito viciado da chamada notícia-espetáculo” (BUENO, 2007, p.27).

É importante ressaltar que não se trata de amenizar as questões urgentes e sim estar atento aos discursos que são mostrados na mídia. Tautz (2004) afirma que o atual momento histórico pede a feitura de um tipo de jornalismo que vá além da mera constatação das agressões ambientais ao planeta e incorpore novos paradigmas civilizatórios na cobertura das questões ambientais, como as mudanças climáticas globais.

Profissionais da imprensa sempre tendem a resumir tudo em um âmbito econômico. Uma cobertura criativa e consequente que enxergue, estude e explore as

múltiplas conexões existentes entre as variáveis ambientais e o mundo do dinheiro, do comércio exterior e do sistema financeiro ainda é rara na imprensa nacional (SCHARF, 2004).

Mas, por outro lado, Bueno (2007) diz que os aspectos econômicos e científicos relacionados à questão ambiental não podem ser privilegiados em detrimento de outras vertentes como a social, cultural e política. Geraque (2004), considera que o modelo a ser buscado na cobertura jornalística de meio ambiente é aquele que abre espaço para os aspectos sociais e culturais do cotidiano das pessoas, e não apenas os políticos e econômicos. Quando alinhamos o jornalismo com a educação acabamos por promover questões que poder ir além do debate. Dando condição ao cidadão de conhecer o jornalismo ambiental, damos o primeiro passo no desenvolvimento sustentável.

O jornalismo ambiental não pode ser apenas informativo, tem que estar engajado em um modelo de vida sustentável do ponto de vista ecológico social. De acordo com Belmonte (2004, p.35-36),

O jornalismo no contexto urbano é uma ferramenta de educação ambiental. Os veículos de comunicação devem fazer campanhas públicas, informar sobre os novos estilos de vida, abrir espaço para ideias alternativas, cobrar soluções criativas do poder público. Também é função da imprensa melhorar a qualidade de vida nas cidades. Não se trata de substituir livros didáticos por reportagens de jornais, nem transformar páginas dos diários em apostilas escolares. Eles são complementares (BELMONTE, 2004, p.35-36).

Sua fragmentação decorrente muitas vezes do sistema de produção jornalística, fragiliza a cobertura das questões ambientais (BUENO, 2007). Esse tipo de cobertura leva os jornalistas a ter um olhar míope sobre a questão ambiental, na qual não há preocupação com o contexto das ocorrências, ou seja, as pessoas terminam não sabendo o que aconteceu antes da notícia e suas prováveis consequências (SCHARF, 2004).

Por terem uma proximidade com as causas que buscam mudanças no modelo de desenvolvimento, os jornalistas ambientais participam de projetos revolucionários e que agregam engajamento por seus pares. Autores como Bueno (2007) e Geraque (2004), ressaltam que não significa que estes jornalistas se utilizam de panfletagem ou são ativistas ambientais. Estes têm a função de revolucionar o comprometimento e

mudança de paradigmas, alguém que seja mais do que um interlocutor de opiniões ou reforçador de imagens.

No engajamento, ela se justifica na necessidade de adesão permanente a pedagogia da indignação como dizia Paulo Freire. Este, se refere a capacidade de se indignar com as injustiças e dedicar-se a diminuí-las. Fazer parte da construção de uma vida sustentável não é abandonar a ética e o profissionalismo, e sim, remodelá-las num novo conceito de sociedade que visa a melhora dos problemas ambientais que passamos.

Descrição Metodológica

A metodologia utilizada durante a pesquisa envolve métodos quali-quantitativos. Sua análise de conteúdo se apresenta como uma das formas mais eficientes no rastreamento de informações dada sua excelente capacidade de fazer inferências sobre aquilo que ficou impresso ou gravado (SANTOS, 1997). Acabando por encontrar outros aspectos que não são possíveis apenas por meio da investigação do que ficou descrito nas matérias.

Melo (2009) ressalta que a importância não vem só da realização de pesquisas relevantes sobre problemas cruciais, mas de explicá-las, de modo compreensível, pelos profissionais que se utilizaram dos resultados no interior do sistema produtivo. Por isso, essa pesquisa tem como base a análise de conteúdo pois, assim, consegue-se detectar tendências e modelos de noticiabilidade, enquadramento e agendamento.

Servindo tanto para descrever e classificar, gêneros e formatos jornalísticos, quanto para avaliar as características que vão desde a produção de indivíduos, grupos e organizações, discrepâncias e para comparar conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. O que se encontra aqui, é a busca pela linguagem que informa os grupos dentro de uma sociedade, como a informação é repassada a diversas pessoas de diferentes lugares que se encontram dentro de um mesmo ciclo, o ciclo das informações globais.

As premissas para a categorização da análise de conteúdo tiveram como base os princípios gerais do jornalismo (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003) e dos seus subgêneros científico e ambiental (BUENO, 1984) descritos na fundamentação teórica.

Definem-se e atuam em cinco categorias: Precisão, Independência, Pluralidade, Contextualização e Sensibilização:

Categoria Precisão: analisa a autenticidade e a precisão das informações publicadas. Traz elementos dos princípios gerais do jornalismo do compromisso com a verdade, da lealdade ao interesse público, da disciplina da verificação e do dever jornalista com sua consciência, bem como uma das qualidades do jornalismo ambiental de evitar o sensacionalismo.

Categoria Independência: analisa se houve problematização das responsabilidades do poder público frente às causas e efeitos dos problemas ambientais. Agrega o princípio geral do jornalismo de ser um monitor independente do poder.

Categoria Pluralidade: analisa o espaço dado no âmbito das reportagens para as manifestações das diversas vozes envolvidas na questão ambiental. Abrange os princípios gerais do jornalismo de promover um fórum para a crítica e o comentário público e da independência das fontes, e ainda as funções: social, informativa, político-ideológica, cultural e econômica do jornalismo científico.

Categoria Contextualização: analisa a contextualização das causas e consequências das questões ambientais e suas implicações sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas. Reúne as qualidades inerentes ao jornalismo ambiental de procurar evitar a fragmentação da cobertura e não resumir tudo às questões econômicas.

Categoria Sensibilização: utilização do espaço das reportagens não somente para noticiar fatos ligados à questão ambiental, mas também sensibilizar a população para a necessidade de tomada de decisões esclarecidas. Congrega o princípio geral do jornalismo de apresentar o significativo de forma interessante e relevante, a função educativa do jornalismo e qualidade de procurar aliar jornalismo e educação do jornalismo ambiental.

Depois de estabelecidas as categorias de análise, um formulário contendo questões que, tinha como objetivo averiguar se as reportagens coletadas possuem, dentre seu conteúdo, os elementos que tem como base os princípios do jornalismo bem como seus subgêneros científico e ambiental. As questões foram formadas e distribuídas de acordo com cada categoria em que estavam inseridas.

CATEGORIAS	PRINCÍPIOS	CONTEÚDO	PERGUNTAS
------------	------------	----------	-----------

Precisão	<ul style="list-style-type: none"> • Compromisso com a verdade; • Disciplina da verificação; • Função informativa; • Evitar o sensacionalismo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se a cobertura foi precisa em relação aos fatos noticiados e se houve ou não sensacionalismo ; 	<ul style="list-style-type: none"> • A que se refere a matéria? • O texto das matérias possui verbos no futuro do pretérito (seria, deveria, iria, etc.), expressões como supostamente e provavelmente ou verbos no gerúndio (investigando, apurando, etc.)?
Independência	<ul style="list-style-type: none"> • Independência das fontes; • Ser um monitor do poder; • Lealdade ao interesse público; • Função político-ideológica; • Independência em relação às fontes; • Dever com a sua consciência; 	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar se as matérias atenderam aos interesses públicos e se prestaram ao papel de monitorar o poder; 	<ul style="list-style-type: none"> • A reportagem questiona o poder público a respeito da questão ambiental e/ou científica? • Mostrou aos leitores quais seriam as responsabilidades do poder público? • A matéria se limita a apenas uma fonte?
Contexto	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar o significativo de forma interessante e relevante; • Evitar a fragmentação da cobertura; • Nem tudo se resume a questões econômicas; 	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar se as matérias cumpriram com o objetivo de oferecer conteúdo de qualidade voltado aos interesses do público; 	<ul style="list-style-type: none"> • A reportagem apresenta as causas históricas do problema ambiental? • As matérias de cunho científico têm os termos traduzidos para o entendimento do público? • A matéria correlaciona o problema ambiental e as questões econômicas, políticas ou culturais?
Sensibilização	<ul style="list-style-type: none"> • Função educativa; • Função cultural; 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se o conteúdo das reportagens busca 	<ul style="list-style-type: none"> • A matéria procura educar o leitor a respeito das questões ambientais

	<ul style="list-style-type: none"> • Caráter revolucionário e engajamento; • Procurar aliar jornalismo e educação; 	desenvolver um caráter social procurando conscientizar o público da importância da cultura nacional;	e descobertas científicas? <ul style="list-style-type: none"> • A matéria mostra ao leitor como se deve agir diante dos problemas citados e quais os seus efeitos? • A matéria consegue mostrar para o leitor como a questão ambiental ou conhecimento científico afeta o seu cotidiano?
Pluralidade	<ul style="list-style-type: none"> • Promover fórum de debates; • Função social; • Diversidade das fontes; • Abrir espaço para debate; 	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar se as matérias cumprem com o papel de proporcionar uma discussão através de indagações dentro das próprias reportagens fazendo com que o público questione o que está acompanhando; 	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a natureza das fontes? • Caso sejam pesquisadores, quantos pesquisadores da área ambiental e científica foram questionados para a produção da matéria? • Quantas opiniões científicas são apresentadas? • Quais vozes tiveram espaço na construção da reportagem?

Quadro 1: Categorias de análise e questões do formulário de análise das reportagens
 Fonte: Roteiro feito pelo pesquisador/2016

Com esta análise de conteúdo, foi possível ligar a cobertura de acordo com os princípios do jornalismo e seus subgêneros ambientais e científico, além de poder identificar quem promove e produz estas notícias. Os resultados obtidos foram analisados de acordo com as cinco categorias desenvolvidas acima, bem como suas perguntas e questionamentos.

Assim, suas averiguações são baseadas de acordo com a qualidade das informações recebidas pelos leitores e, se esta cobertura contribuiu ou não para a formação e a tomada de decisão por parte de seus moradores. Ao final, podemos

verificar com está a qualidade das informações científicas e ambientais dentro de cada cobertura.

Resultados

Na primeira categoria estabelecida, Precisão, analisamos a autenticidade e a precisão das matérias publicadas no jornal online. São matérias, principalmente com conteúdo sobre problemas ambientais que ganham destaque no jornal. Poucas se utilizam de verbos no pretérito e expressões no gerúndio trazendo assim, um tom de apuração da notícia abordada. Suas matérias também apresentaram uma forma mais sucinta de notícia e poucas deixaram margem de questionamento.

Já em outra categoria abordada como Independência, buscou-se a análise da problematização das responsabilidades (causa e efeito) dos problemas ambientais e o jornalismo como monitor independente de poder. As notícias analisadas mostraram que as coberturas jornalísticas dão mais ênfase a fontes de poder público, mais de 80% da pesquisa, para informar seus cidadãos. Há poucas fontes anônimas e, sua outra parcela de fontes vem de ONG's, pesquisadores e membros da comunidade civil. Nas matérias o que vemos é a pouca responsabilidade do poder público, bem como suas medidas de diminuição dos impactos ambientais.

Na categoria de Contextualização, que se tratava de avaliar a contextualização das causas e consequências das questões ambientais e suas implicações (sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas) começamos pelas raízes históricas dos problemas. Em algumas matérias os profissionais do jornalismo tiveram o cuidado de resgatar raízes dos problemas ambientais, ou como começou o problema. Pouco houve de opinião de especialistas no assunto e, trabalhando com a questão ambiental global e sua relação com os problemas locais quase não há relações entre estes. Percebemos com esses resultados o tratamento destas notícias e sua forma isolada a ser abordada dando ênfase, principalmente, no cunho econômico dos problemas ambientais e como estes afetam a população.

Considerações Finais

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a cobertura jornalística sobre problemas ambientais que foram descritas e realizadas pelo jornal online Correio da Bahia (SLAVADOR/BA – <https://www.correio24horas.com.br/>). Recolhidas 51 matérias, só 40 tiveram a finalidade de abordar os problemas ambientais tanto em cunho local quanto global. Seus resultados foram desenvolvidos ao longo da análise de cada uma das cinco categorias que tem como base os princípios norteadores do jornalismo científico e ambiental. Pelo número limitado de páginas, só foram abordadas três das cinco categorias neste artigo.

Foi interessante o exercício de leitura de cada uma das matérias. No jornal online Correio da Bahia (SALVADOR/BA – <https://www.correio24horas.com.br/>) percebemos matérias curtas e com poucos parágrafos. As matérias também fazem pouco uso de hiperlinks, vídeos e imagens, utilizando-se somente o necessário. As informações apuradas mostraram que as fontes se polarizam em um só lugar e, por isso, estas acabam centralizando - se numa única fonte caracterizadas principalmente pelo governo. A maioria destas também se caracterizou por serem tratadas de modo mais isolado. As matérias quase não tem ligação entre si, o que faz com que a população pouco ligue para os fatos abordados.

O jornal ainda precisa trabalhar para apresentar ao público matérias contundente e que apresentem não só a notícia, mas que façam a opinião pública questionar-se acerca dos problemas ambientais e como melhorar/ remediar seus efeitos. O jornalismo e a educação ainda não andam de braços dados e é nosso papel, como jornalistas, não só informar mas também movimentar questionamentos que transformam a sociedade todos os dias.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70 LDA, 2010.

BELMONTE, Roberto Villar. **Menos catástrofes e mais ecojornalismo**. In: BOAS, Sérgio Vilas. Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004.

BENTHAM, Jeremy. **An introduction to the principles of morals and legislation**. London: The Athlone Press, 1970.

BORTOLOZZI, Arlêude. **Comunicação, ensino e temática ambiental**. Comunicação e Educação, São Paulo, n. 14, p. 42-48, jan./abr. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36842/39564>>. Acesso em: 17 fev. 2010.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Majoara, 2007.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Cia da Letras, 2000.

CHAPARRO, Manoel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Gaia, 1993.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GERAQUE, Eduardo. Jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) elos perdidos. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL Tom (2007) **The Elements of Journalism**, New York, Three Rivers Press.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom (2010) **Blur, How to know what's true in the age of information overload**, New York, Bloomsburg.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração, 2003.

MELO, José Marques de. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

SANTOS, J.M. **O que é análise de conteúdo**. São Paulo: Summus, 1997.

TAMBOSI, Orlando. **Elementos (e confusões) do jornalismo**. Disponível em: <https://criticanarede.com/lds_lemjournal.html>. Acesso em: 12 dez. 2017.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005a. v. 1.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, teorias e “Estórias”**. Lisboa, Vega, 1997.
WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6ª ed. Lisboa: Presença, 2001.

_____. **Princípios do jornalismo**. Disponível em: <<http://futurojornalismo.org/np4/45.html#.Wl3mzWXmPqD>>. Acesso em: 12 dez. 2018.